

A ILLUSTRAÇÃO

DIRECTOR-PROPRIETARIO : MARIANO PINA

Anno VII. — N.º 3.

PARIS, 5 DE FEVEREIRO DE 1890

Escriptorios em Paris, 13, Quai Voltaire.

100 réis cada numero.



S. M. DOM AFFONSO XIII, REI DE Espanha.

GUERRA A' INGLATERRA...

A ILLUSTRAÇÃO acompanha o comércio português na sua generosa e patriótica campanha contra a Inglaterra e contra a introdução de produtos ingleses em Portugal, quebrou todas as suas transacções com desenhoadores e gravadores ingleses. A partir d'esta data nem mais uma gravura executada em Inglaterra será publicada na **ILLUSTRAÇÃO**.

Também a partir d'esta data nunca mais empregaremos os vapores ingleses para o transporte dos nossos jornais para o Brasil.

A Inglaterra procura por todos os meios expulsar-nos d'Africa.

Que os Portugueses respondam a esta insolência, com uma guerra firme e decidida à introdução de todos os produtos ingleses em Portugal.

No dia em que o comércio inglez tiver perdido todas as suas relações com o nosso paiz, começará então a nossa desforra.

Guerra à Inglaterra!...
Viva a França!...
Viva a Espanha!...
Viva Portugal!...

CHRONICA

PORTUGAL

PERANTE A EUROPA

Carta ao sr. Presidente do Conselho de Ministros.

EXCELENTÍSSIMO SENHOR.

Em face da brutalidade ingleza, da insolente covardia do mais forte, do menosprezo de todos os princípios do direito internacional, — Portugal ofendido e humilhado pelo numero dos cunhados e dos couraçados britânicos encontrou os mais solícitos e generosos defensores em todos os jornais europeus. E, principalmente, em todos os jornais franceses.

Nesta crise dolorosa e difícil para a dignidade nacional e para os nossos direitos indiscutíveis em África, foi-nos grato constatar que ainda temos amigos e admiradores na Europa; e que a França, sempre apaixonada por aqueles que luctam unicamente pelas grandes ideias e pelos grandes princípios civilizadores e humanitários, ainda conhecia a história das nossas navegações, respeitando-nos como dignos sucessores d'aqueles que tanto sangue vertiram e de tanto ardor encorajaram derramadas provas, para mostrar ao mundo o caminho das Índias, e as riquezas acumuladas na África e na América.

Por isso a imprensa francesa não hesitou um momento, para dizer ao mundo inteiro que a Inglaterra se havia deshonrado [sic] pelo modo como havia terminado o conflito com Portugal, considerando de infame [sic] um semelhante procedimento para com um paiz de pequenos recursos militares, antigo aliado d'Inglaterra, e a custado qual ella tanto tem aumentado o seu império colonial.

Todas estas demonstrações nos foram imensamente gratas, porque todas foram sinceras e espontâneas, provocadas pelo momento de estupor que causou em toda a Europa o acto insolente e selvagem de lord Salisbury. E todas elas mostram aos scepticos e aos indiferentes da nossa terra, aquelles que duvidam do bom papel que nós desempenhamos entre as nações civilizadas,

sadas, que o nosso querido paiz ainda dispõe de grandes sympathias, e que a sua influência colonial em África de modo algum é considerada pelas potencias como *quantité négligeable*...

Sómente, de todas as desforas que apareceram em nosso favor e que temos dado bastante que reflectir a lord Salisbury, resalta um facto de maxima gravidade que eu pego a permissão de apresentar à Vossa Excellencia, como português que sou, e jornalista amante da minha patria.

E se ousou assinalar-o a Vossa Excellencia, quando o governo podia d'elle ser informado pelos seus agentes officiaes no estrangeiro, é por que sei que a nossa diplomacia, assim como a sua parte da velha diplomacia europeia, desdenha e despreza ainda hoje a prodigiosa força de que a Imprensa dispõe em todos os países, imaginando que nada vale o apoio da opinião publica, e que só pode resolver uma questão internacional o apoio d'uma chancelaria!

Os agentes diplomáticos portugueses poderão comunicar ao governo a impressão que a arbitrariedade ingleza produziu no espírito do sr. Spuller, do sr. de Bismarck, ou do sr. Crispi. Permita Vossa Excellencia que eu, movido por um sentimento patriótico hoje tão cruelmente offendido, em nome da minha qualidade de jornalista, assigne a Vossa Excellencia um facto que perante a critica me parece da mais alta importância, e ao qual anda ligado o bom nome e a prosperidade futura do nosso paiz e dos seus dominios coloniais.

A imprensa francesa defendeu-nos corajosamente, e com um nobre desinteresse, contra o insulto que recebemos da Inglaterra. A imprensa francesa defendeu a nossa dignidade, o brio nacional ferozmente offendido por lord Salisbury. Mas não defendeu, isto é, não discutiu, não pôz em evidencia, por absoluta falta de documentos e de dados precisos, a questão dos nossos direitos no Zambeze e nas regiões dos lagos...

Donde provém semelhante ausência de argumentos em favor dos nossos direitos em África, da parte d'uma imprensa que nos defendeu tão inorganicamente do insulto com que nos feriu o governo britânico? Da nenhuma propaganda que os governos precedentes tem feito na Europa, acerca da nossa verdadeira situação tanto na África oriental, como na occidental.

A imprensa francesa para atacar as inauditas pretensões do governo inglez, só encontrou á sua disposição o velho argumento platonico da razão histórica, das nossas descobertas, da fama dos nossos navegadores... E para oppôr factos modernos, argumentos de colonização portuguesa, dados geográficos contemporâneos, aos argumentos do governo e da imprensa britânica, os jornalistas franceses não encontraram em Paris, nem livros, nem relatórios, nem revistas, nem cartas geográficas portuguesas, sobre que baseassem a sua argumentação e a sua defesa em nosso favor...

E a prova d'este facto está na surpresa com que em varias redações de jornais parisienses foram vistas duas cartas officiaes da África oriental portuguesa, acabadas de gravar por ordem do governo português, e que me foram comunicadas à ultima hora por um ilustre diplomata, e por um ilustre africanista que é uma gloria da nossa terra.

Dizer que a Imprensa é hoje em dia uma força prodigiosa e um prodígio auxiliar para a propagação de todas as grandes ideias e de todos os grandes princípios, é já uma banalidade corrente. O que não impede que essa banalidade ainda não encontrou plena aceitação da parte dos

homens que mais tem influido na nossa política exterior.

Por uma falsa e velha teoria dos segredos e dos misterios que devem envolver todas as relações exteriores que o nosso paiz entretém com os governos das outras potencias — como se hoje em dia os segredos diplomáticos não sejam verdadeiros segredos de Polichinello! — sucedeua agora que os documentos que provam e demonstram os direitos de Portugal em África só se achavam em pequenissimo numero, nos arquivos das chancelarias. E como é da tradição que as chancelarias devem fechar as suas portas aos enviados da Imprensa, sucedeua que a imprensa francesa não encontrou elementos para uma defesa sólida dos nossos direitos em África, e das posições ocupadas na região dos Makololos pela expedição Serpa Pinto; assim como considerou simples exagero patriótico, a afirmação que foi feita a mais d'um jornalista parisiense conhecedor de questões africanas, de que o nosso distrito do Zumbo não é uma conquista portuguesa da ultima hora, a ultima hora incluindo as nossas cartas d'Africa, — mas conquista e posse astuta, domínio de Portugal, já indicado na carta do marquez de Sá da Bandeira!...

Tudo isto provém, não como se attribue leigamente em Portugal a ignorância geográfica dos escritores franceses, pois que Paris possue a primeira escola do mundo em assuntos políticos e coloniais — a *Escola de ciencias políticas* — mas da falta de propaganda e de dados officiaes que ha na Europa acerca das questões portuguesas. E tudo isto provém da falta de comprehensão do que é a propaganda pela imprensa, ou do desleixo d'aqueles servidores do Estado, sempre tão zelosos no recebimento dos seus honorários, sempre tão descurados no patriotico cumprimento dos seus deveres...

D'um facto bem frisante d'este desleixo, ou d'esta falta de comprehensão, fui eu testemunha durante o periodo em que servi de secretário da Comissão portuguesa da Exposição Universal de Paris, de 1889.

Ao abrir a Exposição Universal, todas as secções estrangeiras, com poucos dias de intervallo, tinham impressos, distribuidos e postos à venda os seus catálogos officiaes. Todos os paizes da Europa tinham chegado ao mesmo tempo com o catalogo oficial dos seus expositores e dos seus produtos, — excepto nós, excepto Portugal... E em todos esses catálogos se via, como prologo, um quadro succinto do estado financeiro, commercial, industrial e agrícola, de cada paiz expositor.

Tenho na minha frente o catalogo oficial das secções suíssas. Esse catalogo é uma maravilha de precisão e de clareza. A exposição do sumário é o basínto para se avaliar da sua importancia.

1. Situação, fronteiras e extensão do paiz. — 2. Instituições políticas. — 3. População: numero de habitantes, emigração, localidades principais, línguas, religiões, profissões. — 4. Instrução publica: escolas de grau inferior, escolas de preparação para o ensino, escolas superiores, escolas universitárias, despesas em favor da instrução publica. — 5. Exercito. — 6. Bellas-artes. — 7. Industrias: notas gerais, importância dos diversos ramos da Industria, legislação industrial. — 8. Agricultura e economia florestal: agricultura, agronomia e viticultura, indústria do leite, criação de gado, florestas. — 9. Comércio: notas gerais, noticia do comércio especial com as cinco partes do mundo, noticia das paizes de proveniência e de destinação. — 10. Movimento dos estrangeiros. — 11. Meios de comunicação: notas gerais, caminhos de ferro, navegação, tramways, correios, telegrafos, telephones. — 12. Pezinhos e medidas, moedas. — 13. Bancos, caixas económicas, seguros: seguros sobre a vida, seguros contra os acidentes, seguros contra incêndios, seguros de transportes, outros géneros de seguros.

O que fez a Suíssa, para mostrar não só à França, mas a todo o mundo representado em Paris, fizeram-o também nos seus catálogos todos os paizes da Europa e da América. O Brazil

A ILLUSTRAÇÃO

reunião num volume intitulado — *Le Brésil en 1889* — o balanço da sua riqueza, do seu estado de civilização. O sumário desse volume colaborado pelos primeiros escritores e economistas brasileiros, e impresso em Paris sob a direcção do sr. F.-J. de Sant'Anna Nery, também merece ser lido, para se conhecer a importância desse trabalho. Eis-o :

1. Introdução. — 2. Nogas gerais. — 3. Hydrografia. — 4. Climatologia. — 5. Mineralogia. — 6. Esboço da história do Brasil. — 7. População, território, eleitorado. — 8. Trabalho servil e trabalho livre. — 9. Zonas agrícolas. — 10. Instituições agrícolas. — 11. Pezinhos, sistema monetário. — 12. Finanças. — 13. Bancos e instituições de crédito. — 14. Caminhos de ferro. — 15. Comércio e navegação. — 16. Correios, telegraphos e telephones. — 17. Imigração. — 18. Imprensa. — 19. Arte. — 20. Instrução pública. — 21. Literatura. — 22. Ciências. — 23. Propriedades industriais e literárias. — 24. Proteção à infância. — 25. Organização judicial. — 26. Arsenais de marinha.

E todos estes catálogos e livros especiais acerca do estado de cada país eram acompanhados de cartas geográficas, traçadas e gravadas com o maior escrupulo científico.

Vejamos agora o que fez Portugal, o que fizeram os homens encarregados da organização do nosso catálogo oficial, das suas três seções : Indústria, Agricultura e Colônias.

Em primeiro lugar, esse livro que podia ser um poderoso meio de propaganda portuguesa durante o período da Exposição de Paris, só apareceu impresso no fim da Exposição... Deve ser dito em abono dos Delegados agrícolas que foram ellos os primeiros, e muito a tempo, que apresentaram completas as listas dos seus expositores e dos seus produtos. Mezes depois chegaram as listas industriais... e depois as listas coloniais...

Mas não houve, nem quem escrevesse um estudo acerca da nossa Agricultura, nem da nossa Indústria, nem das nossas Colônias. E a introdução ao catálogo colonial foi feita à ultima hora, sem elementos, sem dados oficiais, sem cartas, sobre a noticia que a Sociedade de Geografia de Lisboa havia feito há annos para o catálogo da sua Exposição em Anvers...

Como podemos pois contar com o poderoso apoio da imprensa europeia, e especialmente da imprensa francesa, quando em França não ha elementos oficiais de espécie alguma para um jornalista ou um economista poder estudar o nosso país, a sua riqueza agrícola e a sua riqueza colonial?...

E quando surge um conflito como o que acaba de surpreender toda a Europa, e de provocar a indignação da opinião pública, que é toda do nosso lado, — a imprensa só nos pode defender em vista do insulto recebido, mas não em vista dos nossos direitos, pois que para isso não tem elementos de comparação, nem de estudo?

E de quem é a falta?... Meu Deus! a falta tem de recair sobre os governos passados que discutem as questões africanas, que hoje preocupam toda a Europa, apenas de pontas a dentro, ou entro em segredo com as chancelarias estrangeiras, e como os seus agentes diplomáticos no estrangeiro. E a França, e a Alemanha, e a Inglaterra, distribuem por toda a parte as cartas das suas possessões em África. Cada um destes países vai pondo as suas cores nas reuniões sobre que ha dúvida, e que não podem trazer conflitos diplomáticos entre grandes potências. Nessas cartas nunca se vê o nome de Portugal, nem a corte de Portugal, e ninguém fica sabendo ao certo o que são e onde ficam os domínios portugueses!...

E quando um português mostra num redacção de Paris uma carta da África oriental, como a ultima impressa e que me foi comunicada ao mesmo tempo por um ilustre diplomata e por um ilustre explorador — carta que só por um acaso eu pude obter em Paris no dia em que se soube do insulto que acabávamos de receber da Inglaterra — a redação fica boquiaberta da

extensão e da importância dos nossos domínios, porque julgava, segundo as cartas estrangeiras que corriam mundo, que a nossa posição em África equivale aos Estados americanos... Leão XIII affirmando que Roma lhe pertence, mas Roma pertencendo de direito a Itália!...

E para este falso de propaganda portuguesa na Europa que eu ouso chamar a atenção de Vossa Excellencia, vindo-lhe roubar alguns minutos nesse momento em que o governo português tem de resolver uma tão grave questão patriótica.

Eu já antevi sorrisos de semelhante audácia da minha parte : por que não sou conselheiro, nem director geral, nem deputado, nem par do reino, nem mesmo diplomata — coisa que é tão fácil ser pelos tempos que vão correndo... Mas sou português, sou jornalista amante da minha pátria, e confrangendo o coração e entristeço-me o espírito vor a ignorância que ha na Europa acerca do meu país, devido unicamente ao desleixo, à incuria, das regalias oficiais.

As viagens de Capello, de Roberto Ivens, de Sépia Pinto e de Cardoso, são mal conhecidas da imprensa. Em França são ignorados os notabilíssimos estudos africanos do sr. Jayme Balalha Reis, e de outros notáveis africanistas portugueses. Não ha nenhuma ideia exacta do nosso desenvolvimento colonial, como também se não faz uma ideia da nossa riqueza agrícola. Portugal é mais ignorado em França, do que o Brasil ou a Republica Argentina, — dois países que tem sido incansáveis na sua propaganda na Europa, por intermédio da imprensa e das expedições sucessivas.

E esta uma lacuna importante que é necessário preencher quanto antes, e a qual tem prestado pouco atenção a diplomacia portuguesa. O insulto que acabamos de receber da Inglaterra, e o nenhum auxílio prestado neste transe a um pequeno país pelas grandes potências, veio provar que nada devemos contar, nem com diplomacia, nem com as conferências, nem com os congressos. Os mais fracos estão hoje à mercê dos mais fortes, dos mais arrogantes e dos menos escrupulosos.

Resta-nos apelar para a opinião pública de toda a Europa, mostrando-lhe o que é nosso, o que fazemos, quais os esforços que praticamos e tensionamos praticar. Em vez de mostrar o que realmente somos, quais são os nossos direitos, a meia dozois de diplomatas, — tratemos primeiramente de grançar pelos documentos oficiais da nossa inteligência, da nossinha identidade, da nossa riqueza e do nosso patriotismo, as sympathias da opinião pública.

Antigamente eram os diplomatas que resumiam a sua vontade aos povos — pela simples razão de que os povos não tinham vontade. Hoje tudo se transformou na velha Europa, e são os povos por intermédio da sua imprensa que impõem a sua vontade aos homens difíceis, mesmo quando ellos são chanceleres de ferro.

Fui a avidez, a cobiça, a inveja, a soberba, a insolência da imprensa imperialista levaram longe Salisbúry ao acto insolito que toda a Europa hoje condena. E o grito de indignação da imprensa francesa, hispanópolis, italiana, e de muitos outros insulto que nos foi feito, que não cegava os olhos e cheio desdizado a tornar desastrosa a sua audição de Salamanca.

Como o governo português encetar uma luta de propaganda para mostrar, não as chancelarias, mas a imprensa de toda a Europa, o que é Portugal, o que é a sua colonia, e que elementos de cunho e de progresso o nosso país tem revertido a sua desunião e dos seus milhões, ao interior e ao exterior d'Africa?

Vossa Excellencia que deve conhecer como poucos a força de que a imprensa hoje dispõe, Vossa Excellencia que acaba de por em mão a sua pena de jornalista para ir ocupar o lugar elevado que essa mesma pena lhe grangeou, —

Vossa Excellencia, melhor que ninguém, deverá compreender a razão e a justiça das minhas palavras, procurando por todos os modos que Portugal possa ser devidamente conhecido no estrangeiro.

Hoje em dia as grandes potências são respeitadas, porque são fortes e arrogantes. E dos pequenos países só são respeitados aquelles que colaboram generosamente na realização de ideias de civilização e de humanidade, de que os estados se riem, mas que os povos tanto admiram e tanto aplaudem... Tal é o nosso caso!

Sómente, como mostrar que estamos animados de tão nobres idéias, se não encetarmos uma propaganda portuguesa em todos os países europeus... E ao governo que Vossa Excellencia hoje preside, que compete estudar os meios de levar a efeito semelhante propaganda. E eu dou-me por feliz — não sendo, nem mesmo diplomata — de ter podido descombrir o remedio para combater uma das causas da nossa fraqueza moral em face da opinião pública da Europa...

Do Vossa Excellencia

Com toda a consideração e respeito,

MARIANO PINA.



A INGLATERRA

Lá vem a esquadra inglesa! Ao longe a vejo,
Como um vulcão que corta os céus magoados,
Quasi se apaga o sol, seccam-se os prados,
Ao seu letal, pestiloso bafejo.

As faces nos avale o sangue e o pejo,
Nosso corações batem cansados...
Mas, nenguem fôja! Guerra dos couraçados!
Aínda cabem muitos mais no Tejo.

Montaram todos n'um alvado ingrato! □->
Meteu ao menu despejando a História,
Apontando as ruínas amegoadas;
■-■ S. □-■

Almas fôjas de luctuosa amargura,
Nao voltaram as costas aos piratas,
Morrem como um rato de garras.
Liber, 1-6-1907

J. Leite de Vasconcelos

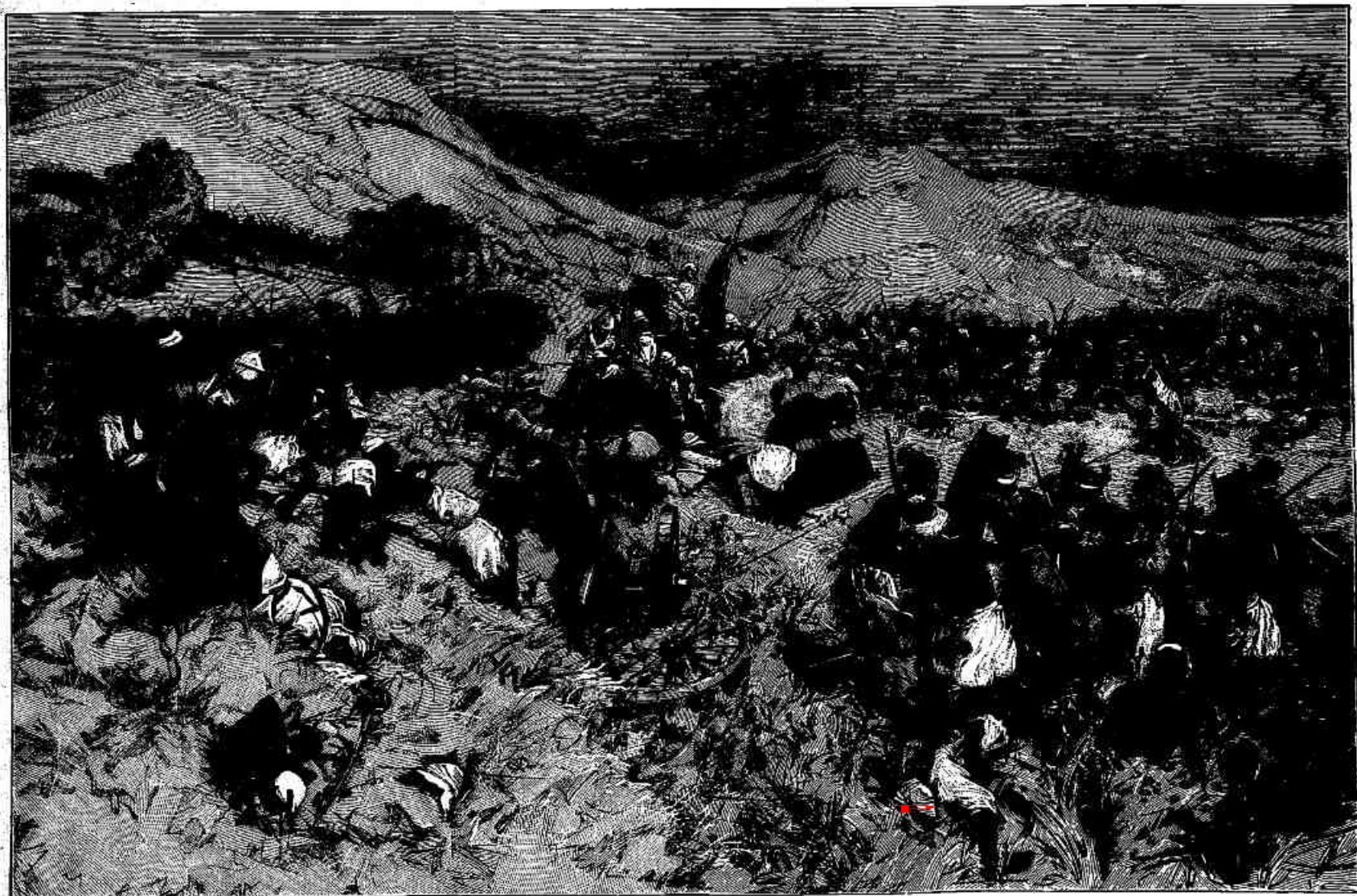
Hontem, quando me insistei a fôjalo,
Veo o povo, sombrio e temeroso;
Saudando o seu passado glorioso,
Cobriu de crepe a estatua de Camões.

Ao desdobrar-seem torneios e luctuoso,
Velando a fronte aos incendiados,
Veo cortar os nossos ombros,
Um soluto pungente doloroso.

Tudo erguia a cabeça, confranguia,
— Que pêgo e que poeira! —
Tão triste, tão profundo, ali voltar.

E a multitud, olhando a estatua inquieta,
Viu pela breves frontes do poeta
Lentamente mudar a figura.

Acciaco Antunes.



OS INGLEZES. — *Como estos sujetos civilizan a África!*...

OS PORTUGUEZES EM PARIS

NO DIA 18 de janeiro reuniram-se em Paris, na sala da rua Vivienne, 51, a convite d'uma comissão composta dos srs. Alves da Veiga, José Vaz, Sousa Ferreira, Joaquim Coimbra, Jorge Godinho, Rodrigo Soares e Xavier de Carvalho, os portuguezes residentes n'esta capital, para protestarem contra a insoléncia do governo inglez, e agradecerem à imprensa francesa a nobre e generosa defesa que n'esta questão tem prestado a Portugal.

As circulares que a comissão expediu a todos os nossos compatriotas eram assim concebidas :

Exmo. Sr.

Um grupo de portuguezes que collocam acima das questões de *classe* e de partidão político os interesses da pátria, guiados pelas tradições da nossa velha e heroica raça que no seculo XV encheu o mundo com a glória dos seus descobrimentos marítimos: rogum a todos os seus compatriotas para que compareçam sexta feira por volta das 8 1/2 horas da noite,



JÚLIO CESAR MACHADO.

na rua Vivienne, 51, 1.º andar a uma reunião que tem por fim :

1.º A redacção d'um protesto contra o acto revoltagem do governo inglez para com as nossas possessões africanas;

2.º E agradecer à imprensa parisiense, sem distinção de partido, a maneira no mesmo tempo generosa e digna como se tem manifestado sempre em favor das justas reivindicações de Portugal.

O pensamento d'esta reunião é de tal ordem patriótico que, em frente do insulto que todos nós acabamos de sofrer, esperamos a comarca dos nossos amigos e compatriotas que virão ali, afirmar, d'alto, os mais profundos sentimentos de honra e amor patrio.

Paris, 15 de Janeiro de 1890.

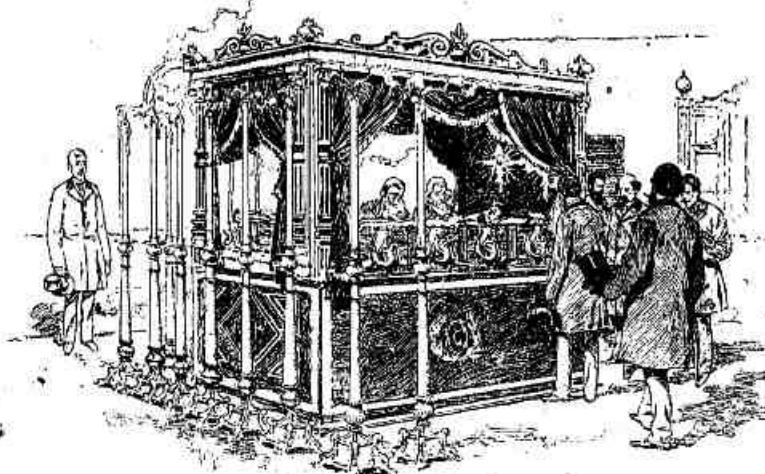
A um tal convite, onde se punham de parte todas e quasequer opiniões políticas, não podia faltar um só portuguez. E assim sucedeu, com raríssimas exceções.

Nunca imaginámos que fosse tão numerosa a colonia portugueza de Paris! Quando julgavamos encontrar reunidos uns 30 ou 50 compatriotas nossos, qual não foi a nossa admiração e a nossa alegria vendo-nos em face de cerca de 300 portuguezes pertencendo a todas as classes da sociedade.

Que alegria não pode ser tamanha
Que achar gente vizinha em terra estranha!



CARTA DAS POSSESSÕES PORTUGUEZAS NA ÁFRICA ORIENTAL.



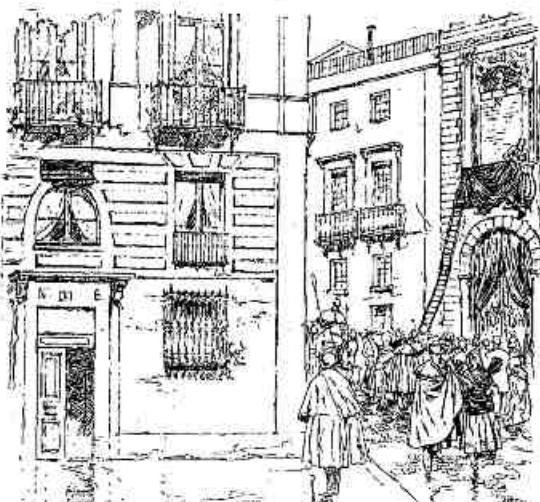
A CAPELA ABERTA DE GAYARRE NO FOYER DA ÓPERA DE MADRID.

Via-se a nossa intelligente sympathetic mocidade das escolas, a mocidade que se prepara hoje em Paris, nas escolas do *quartier latin* para levar mais tarde para Portugal as sementes do gênio francês; viam-se negociantes, empregados de comércio, operários, jornalistas; e todos, mais ou menos divididos por opiniões políticas, todos reunidos pela simples ideia da pátria, todos decididos a protestar contra o insulto da Inglaterra, provando assim a Portugal que os portugueses nunca esquecem no estrangeiro o seu país, pelo contrário mais se lhe aviva o orgulho e o brio nacional.

Difficilmente se tornaria a ver em Paris uma tão sympathetic e tão commovedora reunião de compatriotas, uma tal união, uma tal aproximação de corações portugueses, um tal exemplo de confraternidade.

E' escusado citar nomes. A esta reunião para que tinha sido convocada a imprensa de Paris, assistiram redatores de todos os jornais, assim como um redactor da Agência *Havas*. Às nove horas a comissão organiza-

dora apareceu para abrir a sessão, e propôs para presidente o sr. dr. Alves da Veiga, antigo deputado republicano, de passagem em Paris.



A CASA ONDE MORREU GAYARRE.

Foi eleito por aclamação. Em seguida o sr. Xavier de Carvalho e o sr. dr. Alves da Veiga indicaram para secretário o nosso director Ma-



GAYARRE NO LEITO MORTUÁRIO.

riano Pina que se achava na sala como simples assistente. Uma prolongada salva de palmas de todos os assistentes e em especial da mocidade portuguesa do *quartier latin* acolheu a indicação para secretário do nosso director. A meia ficou pois constituída pelos srs. dr. Alves da Veiga, Xavier de Carvalho e Mariano Pina. Ao lado da meia tomou assento o sr. Ruiz Zorilla, o grande democrata espanhol que, acompanhado do banqueiro espanhol sr. Calzado, deputado às Cortes, quisera manifestar sua sympathetic pelos portugueses n'este doloroso momento.

Tomou a palavra em português o sr. Alves da Veiga que, n'um patriótico e commovido discurso, protestou contra o insulto da Inglaterra, agradecendo à nobre imprensa de Paris o modo generoso como nos tem defendido.

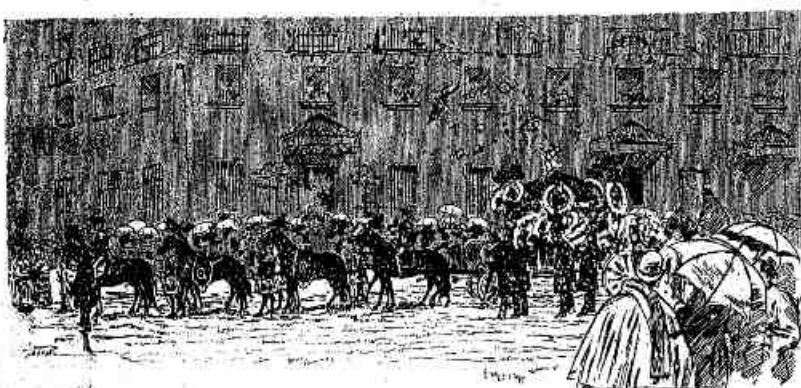
Descendo à analyse dos factos ocorridos o sr. Alves da Veiga analysou sob o seu ponto de vista político a atitude do governo transacto n'esta melindrosa questão. O seu discurso não foi uma acusação que levantasse protestos ou acordasse discordias partidárias, — foi apenas uma crítica. E em todas as passagens em que o orador evocava as nossas grandezas passadas, a nossa brilhante história, o quanto temos contribuído para a civilização africana, a assemblea aplaudia-o com todo o entusiasmo.

O discurso do sr. dr. Alves da Veiga terminou com um sentido agradecimento à França e à imprensa francesa. N'este momento só se ouviam os gritos de *Viva a França! Viva Portugal!* e os jornalistas parisienses rigorosamente acclamados respondiam aos nossos vivas com calos vivas ao nosso país.

Em seguida foi dada a palavra ao nosso director Mariano Pina que em português pediu licença aos nossos compatriotas para falar em francês e expôr aos jornalistas ali presentes a história do conflito. O seu pedido foi acolhido com uma ruidosa salva de palmas. Em seguida o nosso director saudou em francês a imprensa francesa ali representada, solicitando a sua benevolência para as faltas que pudesse praticar fallando n'uma língua que não era a sua. Este começo do seu discurso foi logo muito aplaudido pelos jornalistas presentes.

Depois começou a história do conflito entre a Inglaterra e Portugal; traçou o quadro da nossa situação em África; comparou a influência portuguesa, devida unicamente aos seus exploradores, aos seus engenheiros e aos seus missionários, com a influência ingleza conquistada apenas à força de pilhagem, de rapina e de sangue.

* O inglez — disse o nosso director — sabe perfeitamente que não pode entrar em África se não pela guerra e pela destruição, que por toda a parte se lhe levantam dificuldades, tendo de fazer vergonhosa guerra, como na Zululândia, para se poder sustentar em qualquer ponto. O inglez sabe que colônias só as pode obter a custa do sangue dos seus soldados; sabe que o nome português é o que maior prestígio tem em todas as regiões, que o gentio nunca fez a guerra aos nossos irmãos. E então espera que Portugal



O ENTERRO DE GAYARRE NAS RUAS DE MADRID.

preparo os indígenas para aceitarem a civilização, e depois roubam-as as colônias que nós civilizamos, porque tem canhões, porque tem couraçados...

« E' infame!... O inglez sabe perfeitamente que o lago Nyassa foi descoberto pelos portugueses, que Livingstone se serviu de notas portuguesas para emprehender a sua viagem, e nega-o, afirmando que o lago é inglez! Sabe perfeitamente que o distrito do Zumbo não é uma descoberta nossa da ultima hora, que já se achava determinado na carta do marquez de Sá da Bandeira, e nega-o, atribuindo-o ao domínio inglez! Sabe que a licença aplicada aos Makololos pelo nosso heroico Serpa Pinto, foi devido às intrigas dos missionários escoceses e do intríngante Johnston, que revoltaram aquella região contra a influencia portugueza, e nega-o também! O inglez só sabe mentir, só sabe illudir a opinião da Europa, quando se trata de estender o seu domínio à custa d'um povo que não pode oppor canhões a canhões, nem couraçados a couraçados.

« Ainda há mais! Não são os makololos que a Inglaterra deseja contar como aliados, ou como subditos da rainha Victoria. O que a Inglaterra procura n'este *guet-apens* colonial que ha annos andá preparando ao nosso governo, é apossar-se de Lourenço Marques, da grande baía de Delagoa, para assim possuir a entrada natural do Transval, esmagar os corajosos *boers* e expoliar os das suas minas d'ouro! E o que elle também procura, roubando-nos o Zambeze, é enriquecer à custa do Portugal a companhia que tem por presidente o por director o duque de Fife, genro do príncipe de Galles.

« ora Portugal, em vista da falsidade e da hipocrisia ingleza, em vista do insulto que acaba de receber, da humilhação por que acaba de passar... abriu os olhos! E' vis que as alianças de governos, assim como as alianças de cabeças coroadas, quando se trata d'um pequeno Estado ultrajado por um grande, para nada servem! E o povo portuguez ergueu-se n'um momento de revolta para gritar contra o ladrão, contra o insultador da nossa dignidade, e para gritar com todas as forças da sua alma: Viva a França! Viva a Espanha!

« Não pensem agora que isto seja uma explosão ou uma adesão passageira. Podeis dizer à França, seahores jornalistas de Paris, que esta explosão de *sympathie* não é questão de momento. Todo o portuguez tem alma francesa: Nas nossas escolas os estudantes aprendem por livros franceses. Os nossos escriptores e os nossos artistas só tem os olhos voltados para Paris. E quando sabemos de cón Camões, também sabemos Victor Hugo!... »

Neste momento toda a assembleia se pôz de pé, e os jornalistas parisienses assim como todos os nossos compatriotas fizeram a Mariano Pina a mais calorosa e a mais sympathetic ovacão.

Esta reunião foi para o nosso director um verdadeiro triunfo oratório, e os assistentes não sabiam que mais applaudir no seu discurso, se o ardor patriótico, se as pittorescas e justas observações que elle fez ácerca da situação de Portugal e da Inglaterra em Africa, se a facilidade e o brillantismo com que se exprimiu em francês.

De perto todos os jornais de Paris, a começar pelo *Figaro*, *Tempo*, *Journal des Débats*, *Martin*, etc., se ocuparam largamente do seu discurso, pondo em evidência a sua eloquência e a correção com que discursou em francês.

Para que não julguem exagero da nossa



A NOVADA EDEIRA DO BRAZIL.

parte, passamos a transcrever um trecho do artigo do *Voltaire*, em seguida ao *compte rendu* do discurso em portuguez do sr. dr. Alves da Veiga:

On applaudit à tout rompre et, alors, une touchante manifestation se produit en faveur de la France et de la presse française.

C'est un de nos confrères, M. Mariano Pina, correspondant à Paris des journaux de Lisbonne, qui la provoque dans une allocution fort bien dite et fort bien pensée.

Au nom de la presse de son pays il rémercie les journaux français de tous les partis pour l'appui généraux qu'ils ont donné spontanément à la cause du Portugal. Il retrace en quelques mots l'histoire du conflit qui a éclaté entre l'Angleterre et sa patrie. Et dans un langage chaleureux il montre l'Angleterre impitoyable envers les nations moins fortes qu'elle, usant de sa force pour primer le droit, en vainquant peu à peu tous les pays du monde ou les autres peuples, avant elle, ont porté la civilisation.

Ce n'est pas la civilisation, dit-il, que les Anglais veulent introduire en Afrique, oh non! C'est leur commerce et leur influence! C'est pour cela qu'ils ont pris au Portugal des colonies de l'Inde et c'est pour cela qu'ils envoyaien Livingstone au lac Nyassa. Eh bien, le moment est venu où le Portugal, revenant de ses préjugés et de ses vieilles croyances, comprend que les alliances princierres sont chimériques et que les seules durables, sont les alliances des peuples entre eux. Voilà pourquoi les Portugais sont profondément reconnaissants à la France et à l'Espanha de la sympathie qu'ils leur témoignent en ce moment douloureux. L'âme portugaise, s'écrit-il, est une âme française, depuis longtemps, et j'en appelle à tous nos compatriotes présents à cette réunion.

A ce moment, toute la salle est debouf. On crie : « Vive la France! Vive la presse française! »

Les représentants des journaux parisiens se lèvent, eux aussi, et répondent : « Vive le Portugal! »

Ao concluir o seu discurso Mariano Pina foi aclamado por toda a assembleia, e especialmente cumprimentado pelo sr. Dr. Alves da Veiga e pelo ilustre republicano hespanhol sr. Ruiz Zorrilla.

Em seguida o sr. Ruiz Zorrilla tomou a palavra para dizer à assembleia que ali tinha vindo para testemunhar mais uma vez a sua sympathia e o seu emor pelos portugueses, e para aconselhar os portugueses a que amasssem e respetassem sempre a França, porque sem a França forte e poderosa, nenhuma obra grandiosa, e civilizadora, e humanitaria, se poderia levar por diante. E participou que ia recomendar a todos os seus amigos que cooperassem para o bom exito da grande aliança latina.

No mesmo sentido usou da palavra o sr. J. E. redactor da *Justice de Paris*, e o sr. Amilcare Cipriani democrata italiano.

A reunião terminou com a seguinte moção votada por unanimidade:

« Les Portugais résidant à Paris protestent avec indignation contre l'attentat dont vient d'être victime leur patrie de la part du gouvernement anglais. Ils adhèrent solennellement à toutes les manifestations qui se font dans leur pays et remercient la presse française de sa courageuse coopération dans ces douloureux événements. »

De todos os jornais de Paris só o *Gaulois*, jornal orientalista, se lembrou de afirmar que a reunião não era a expressão da colônia portuguesa de Paris; que havia sido uma manifestação puramente republicana; que o governo francês a devia ter prohibido; e outras phrases n'esse sentido. Immediatamente o nosso director enciou a seguinte carta ao director do *Gaulois*:

Monsieur le Directeur,

Je viens de lire dans votre journal que « les membres (?) de la colonie portugaise se proposent de se livrer à une manifestation monarchique pour prouver que ni leurs sentiments ni leurs personnes n'étaient suffisamment représentés à la réunion d'avant-hier. »

Cette note que vous dites tenir de *source certaine* a étonné beaucoup les Portugais sans distinction de parti qui se sont réunis vendredi dernier, à la salle de la rue Vivienne, pour remercier la presse française de la noble façon dont elle a défendu les intérêts de notre patrie.

Pour ce qui me concerne, simple journaliste, j'ai cru de mon devoir de Portugais d'assister à cette réunion où j'ai trouvé des monarchistes, ainsi que des républicains. Et j'ai pris la parole pour montrer aux représentants de la presse certains côtés de la question, certains détails sur la situation du Portugal en Afrique, détails que je tenais de source officieuse.

La réunion a été, quoique l'on puisse vous dire, l'*expression de la colonie portugaise de Paris*, et je regrette qu'il se puisse trouver aujourd'hui quelqu'un pour protester, — cas ceux qui ont voulu protester en séance ont pu le faire librement. Le devoir de tous les Portugais étaient d'aller à cette réunion, car il n'y avait là ni monarchistes, ni républicains, mais seulement des patriotes qui voulaient protester de leur amour pour le Portugal, et de leur reconnaissance envers la presse française.

Veuillez agréer, Monsieur le Directeur, l'assurance de ma haute considération.

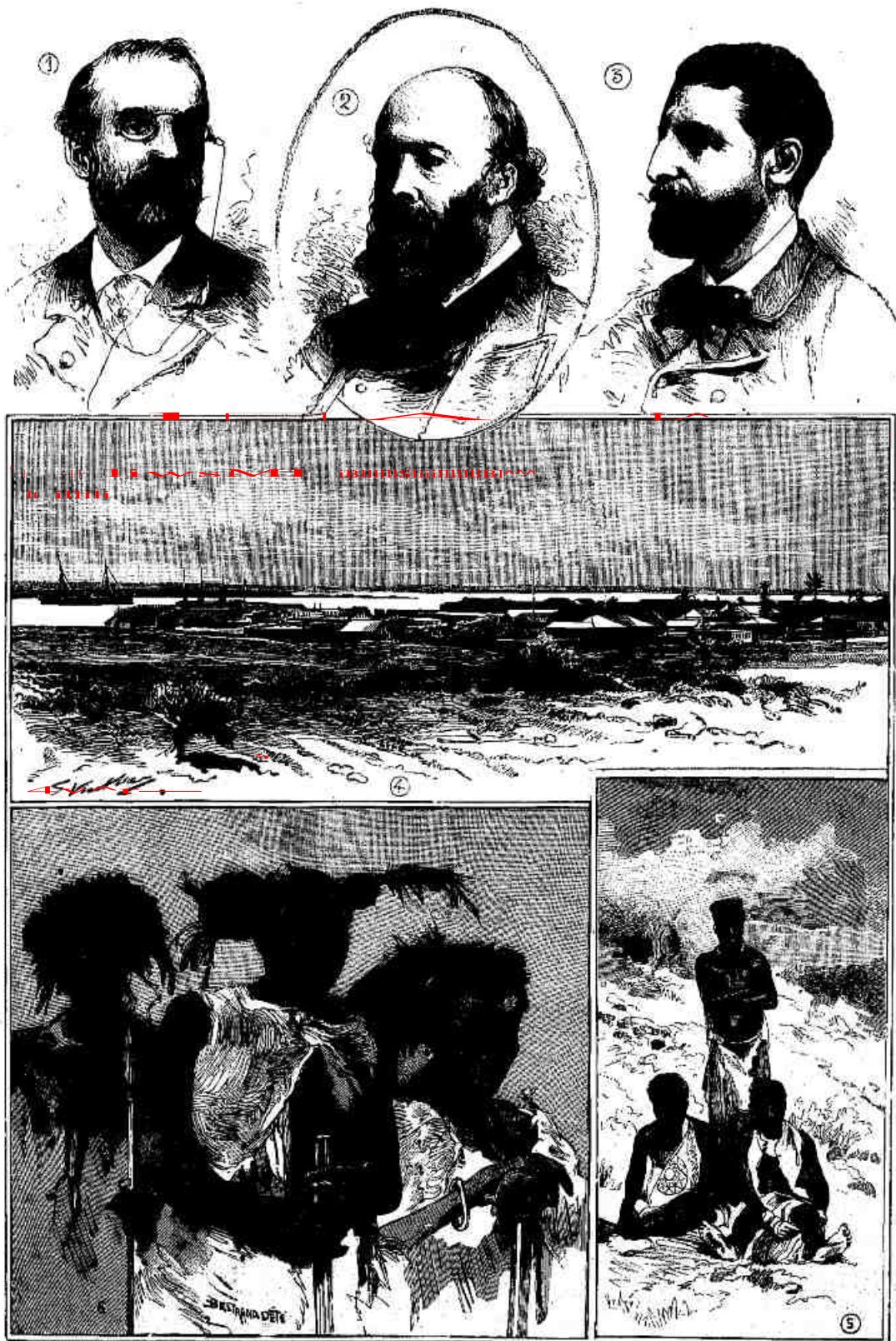
MARIANO PINA.

Esta carta foi o ponto final a quaisquer intervenções ou más interpretações da imprensa partidária. A reunião foi puramente patriótica. Toda a colônia portuguesa teve d'ella conhecimento por convites especiais e pelos jornais de Paris. Se algum portuguez no dia seguinte, depois dos longos artigos que a imprensa francesa consagravam aos oradores, reconheceu que a maioria dos oradores havia sido democrática, que esse portuguez não tivesse falhado à reunião para protestar em nome d'outros principípios, como fizeram outros portugueses presentes que não ocuparam o seu respeito pelo monarca, nem as suas sympathias pela casa de Bragança, como o provou o nosso collega L. Cardoso de Benthencourt, com as suas interrupções em favor da monarquia.

De resto toda a assembleia estava animada dos mesmos sentimentos que as *Novidades*, jornal do sr. conselheiro Emygdio Navarro, que ninguém pode acusar de republicano, exprimia em artigo de fundo no dia 16 de Janeiro ultimo :

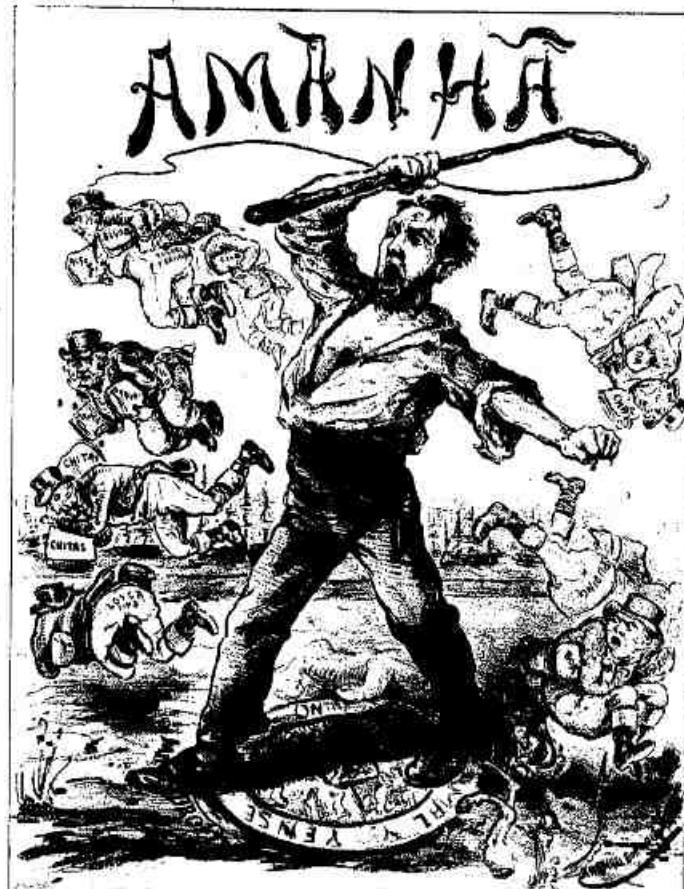
Mantemos as nossas opiniões, não repudiamos as nossas responsabilidades políticas, não desertamos da nossa bandeira partidária. Mas, no que diga respeito ao desenvolvimento das nossas forças defensivas e agressivas, no que interessa ao levantamento do nosso prestígio militar e naval, em tudo que possa concorrer para tirarmos um desagravo, com juros de mil por cento, do ultrage e da violência, que nos fez o *inglês*, para nós não haverá nem Miguelistas, nem republicanos, nem regeneradores, nem esquerdistas, nem *porto franco*, nem socialistas! Serão todos elles nossos correligionários; e com todos cooperaremos lealmente e dedicadamente, nem nos preocuparemos de quem assim possa adiantar-se, ou de quem tenha de perder terreno. O que fôr mais eficacemente patriota, fôr o mais digno. Em nome do bem público, e da dignidade nacional vilipendiada, pedimos a todos os partidos a mesma reciprocidade; a todos os cidadãos à mesma confraternidade!

Nesta reunião um portuguez, sr. Adriano de Oliveira, propôz à assembleia que se estudasse

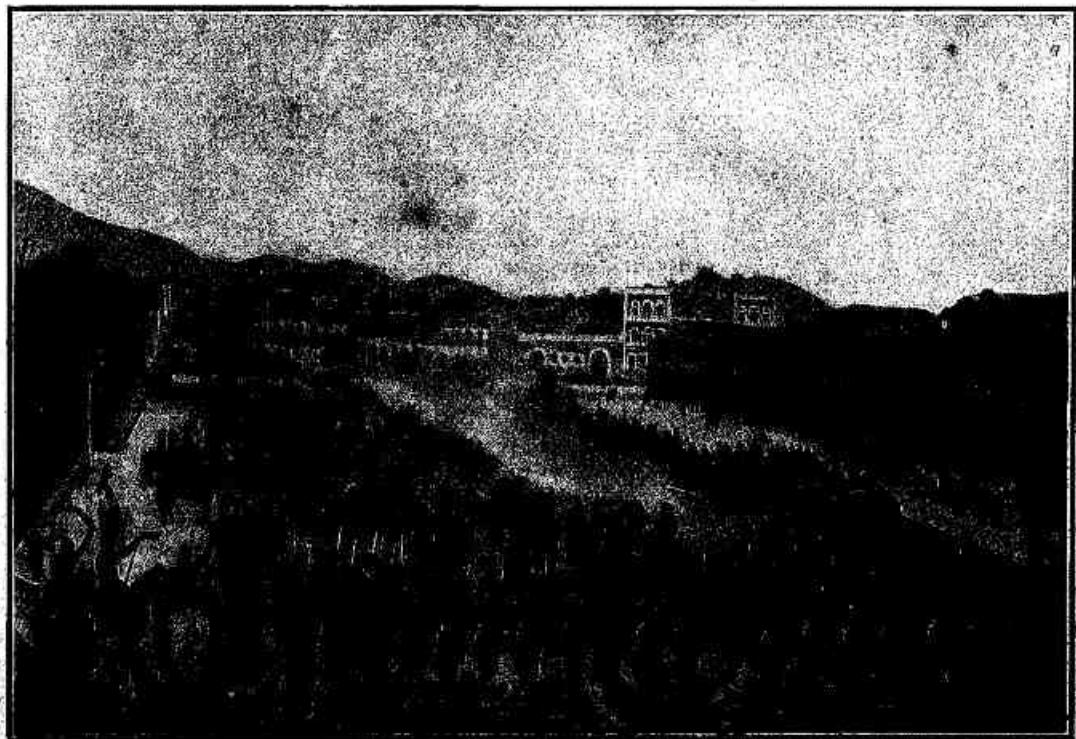


1. Antônio de Serpa Pimentel. — 2. Lord Salisbury, o inimigo de Portugal. — 3. Henrique da Barros Comun. — 4. A baía de Lourenço Marques. — 5. Indígenas. — 6. Chefes de tribos vizinhas de Lourenço Marques.

O CONFLITO COM A INGLATERRA. — Viva PORTUGAL!...



GUERRA AOS INGLEZES!... — PÁGINA REDUZIDA DOS 6 PONTOS NOS 11%.



BRAZIL. — QUADRO DA PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA, NO DIA 15 DE NOVEMBRO, DIANTE DO QUARTEL GERAL DO RIO DE JANEIRO.

o modo de levar a efeito a criação d'um gremio português em Paris. Esta proposta foi aceite por aclamação, e a assembleia encarregou o nosso director, secundado pelo sr. Adriano de Oliveira e Xavier de Carvalho, de estudar o modo de levar a efeito uma ideia tão sympathica.

Podemos afirmar que dentro em breve haverá em Paris um *Cercle portugais*, onde se reunam todos os portuguezes residentes ou de passagem na capital francesa.



AS NOSSAS GRAVURAS

S. M. Afonso XIII

A PERIGOSA enfermidade de que foi atacado o rei-menino, e que dizem ter sido uma meningite, deu lugar no nobre paiz de Hespanha à mais tristes manifestações. Em face da imensa dor d'esta mãe tão digna de respeito e de admiração pelo seu tacto, pela sua bondade e pela sua elevada inteligência, todos os partidos políticos, tão animados uns contra os outros no momento da formação d'um novo ministerio, adiaram as suas discussões. A população de Madrid, cheia de angústia, rodeava o Palacio real dia e noite, para saber notícias do augusto enfermo. E de todas as províncias, as mais sympathicas demonstrações vinham consolar na sua imensa dor a Rainha-regente.

Quando todo o perigo desapareceu, houve um suspiro d'allívio, não só em Hespanha, mas também em Portugal e em toda a Europa, em vista das graves complicações que a morte de S. M. podia acarretar.

Hoje que todos os espíritos aceitam e comprehendem em Portugal a necessidade d'uma aliança com a Hespanha, e também com a França, para ver se as três nações reunidas podem fazer face ás ambigüidades dos povos anglo-saxões e ás insolências da Inglaterra, — hoje parece-nos que todos os nossos leitores verão com prazer e com interesse a risonha e sympathica physiognomia de S. M. Dom Afonso XIII, d'este menino sobre cuja cabeça pesam tantinhos destinos.

Que Deus lhe dê muita vida, para que a Hespanha continue tranquila e prospera, para que não rebentem na península ibérica maiores complicações internas, — porque já bastam as complicações no exterior, das quais dependem a independência, o futuro e a glória das duas nações irmãs...

Ponhamos de parte velhos prejuízos. E tratemos, nós portuguezes, de nos unirmos aos hespanhóes e aos franceses, que são os nossos irmãos, pela raça e pelo espírito. Que as duas monarquias, portuguesa e hespanhola, ponham de lado ilusões de alianças com cabeças coroadas! Que elas extendam os braços, sinceramente, para o governo da República, para a grande nação que durante 1889 deslumbrou o universo inteiro, com a sua inteligência, a sua actividade, a sua força e a sua riqueza!

Que exemplo mais nobre de seriedade, do que o dado pelo sr. Carnot, durante o período da Exposição, sabendo falar a todas as comissões estrangeiras, sem suscetibilizar de modo algum o corpo diplomático de Paris!

Vejamos claramente que d'issó bem precisamos n'este momento. Não nos deixemos illudir com alianças ou auxílios da Alemanha. O parlamento alemão votou no dia 22 de janeiro quinze marcos de subsídio para a companhia de vapores alemães que faz agora carreira entre Hamburgo e... Lourenço Marques!

O governo inglês vê este facto com maus olhos, e procura contrariar as relações alemães com Lourenço Marques e portanto com o Transvaal.

Quer dizer: tanto a Alemanha, como a Inglaterra, disputam a posse de Lourenço Marques... possessão portuguesa!

Ora portanto, fujamos das garras do leopardo... mas não vamos cair nas do urso alemão!

Tratemos pois de gritar:

- Viva Portugal!
- Viva a Hespanha!
- Viva a França!...

Os ingleses em África

Para que o público comprehenda bem qual é a missão civilizadora dos ingleses em África, tomam procurem em revistas geográficas ilustradas de Paris, dos annos de 1873, 1883 e 1885, varios episódios da influência inglesa no continente negro.

Como se vê pelas gravuras feitas sobre documentos oficiais, os senhores ingleses só penetram em África por meio das peças d'artilharia, das metralhadoras, das espingardas, do revolver e da baioneta-calada...

E assim que elles civilizam os indígenas, — atirando-lhes como quem atira a lobos, ou a cães domados...

Em compensação, os indígenas também ás vezes tomam bons destinos, e quando apanharam um d'estes chefes, um d'estes mandados, em d'estes alvos britânicos, ou alcance das suas arapiques, — também lhe pagam na mesma moeda...

Ponham os olhos n'estas tristes páginas, e lembram-se de que os ingleses estão dispostos a tratar connosco, como elles tratam com os pretos!...

Julio Cesar Machado

Todos os nossos leitores conhecem a desgraça que feriu Julio Cesar Machado, o nosso querido, o nosso ilustre colaborador... Seu filho que tinha apenas dezoito annos d'idade, suicidou-se em Lisboa, por motivos que todos ainda ignoram...

E Julio Cesar Machado e sua esposa, que só viviam na adoração do filho estremecido, não podendo resistir a tamanha dor... resolveram suicidar-se também!

E escusado descrever nos seus promenores a horrível tragedia. Julio Cesar Machado foi encontrado morto em sua casa, depois de ter cortado com uma navalha de barba as grandes veias que passam pelos pulsos. Sua esposa havia feito o mesmo. Mas a pobre senhora ainda dava sinaes de vida: que foi transportada para o hospital de São José; e no momento em que escrevemos ainda havia todas as esperanças de a salvar.

Julio Cesar Machado era uma grande e nobre alma, e um espírito literário da mais fina temperatura. Era o verdadeiro tipo do homem de letras, e pelo seu carácter e o pelo seu talento, occupa um lugar importante na literatura portuguesa.

A ILLUSTRAÇÃO perde um notável colaborador. Nós todos que o amavamos, perdemos um grande amigo.

Em face de semelhante tragedia não se sabe o que se ha de dizer... O terrível destino prepara-nos ás vezes tão estupidas e tão cruéis surpresas, que até nos arranca a expansão das lagrimas!...

Fica-se fulminado, imaginando ser tudo isto ainda um peradelo... E não é, infelizmente!

Julio Machado morreu... E elle que foi sempre o homem mais feliz da terra, em poucos meses passou pelas maiores, mas horrificas torturas... Tamanhas... que só na morte encontrou limitivo para sua imensa dor!...

A Republica brasileira

Para complemento das muitas gravuras que temos dado acerca da proclamação da Republica no Brasil, mostramos hoje um quadro exacto do que foi o dia 15 de novembro de 1889, quando o marechal Deodoro da Fonseca proclamou a Republica em frente do Quartel general do Rio de Janeiro, diante do exercito e do povo. É copia d'um quadro executado por um distinto artista d'um brasileiro, cujo nome infelizmente nos não ocorre n'este momento, o que não podemos obter em Paris, attendendo que se nos extraviou esse nome entre papéis que tínhamos na nossa redacção.

Também mostramos aos nossos leitores o desenho da bandeira oficial da Republica dos Estados Unidos do Brasil: bandeira verde, com um losango amarelo, tendo ao centro uma esfera azul com 20 estrelas representando os 20 estados do Brasil, e uma fita onde está escrito *Ordem e Progresso*.

Todos estes documentos nos foram comunicados directamente do Rio de Janeiro. D'aqui enviamos mil agradecimentos aos nossos estimáveis correspondentes e leitores, que assim colaboraram para o interesse artístico da nossa ILLUSTRAÇÃO.

O conflito com a Inglaterra

As gravuras, retratos e carta d'África que publicamos no presente numero da ILLUSTRAÇÃO são tirados do nosso collega parisiense o *Monde Illustré*. E do mesmo jornal, um dos de maior circulação

em toda a Europa, jornal que pela sua indole artística e literaria guarda sempre a maior reserva na apreciação dos factos políticos, transcrevemos o artigo do nosso director Mariano Pina, historiando o conflito com esse paiz que depois de nos ter sujeito por tanto tempo o nosso idro, depois de ter feito um império colonial quasi todo a nossa custa, nos insulta d'um modo tão covarde, por intermedio de lord Salisbury.

Transcrevemos esse artigo para que o público português veja a propaganda patriótica que Mariano Pina tem feito na imprensa francesa, fornecendo documentos e notícias que mostrem claramente à França e à Europa a justiça da nossa causa e as razões que nos assistem na questão africana.

Também dos *Pontos nos i* reproduzimos em redução photographica uma pagina do nosso illustre amigo Bordallo Pinheiro, em resposta ao insulto da Inglaterra, e ás grosserias com que os jornaes de caricaturas ingleses, contentes com a covardia da sua força, tem mimoseado Portugal.

* * * Le conflit anglo-portugais.

La question qui vient d'agiter toute la presse européenne, et qui a produit une si grande émeute dans le Portugal, donnant lieu à une grande guerre dans le Portugal, et qui a produit une si grande émeute dans le Portugal, donnant lieu à une grande guerre dans le Portugal, et qui a produit une si grande émeute dans le Portugal, donnant lieu à une grande guerre dans le Portugal, et qui a produit une si grande émeute dans le Portugal, et qui a produ

De tout temps les Portugais étaient establis dans les régions du Zambéze e do Chiré, régions voisines du lago Nyassa. Ce même lago, que les Anglais prétendent avoir été découvert par Livingstone, était déjà connu des Portugais depuis le xvi^o siècle. Et encore ce mois-ci, l'illustre africano M. Jayme Batalha Reis, consul de Portugal a New-Castle, dans une leçon au *Times*, rappelait aux Anglais que c'étaient les Portugais qui avaient donné toutes les informations, indications et tout l'appui nécessaire à Livingstone pour pouvoir faire son voyage de 1859 à l'intérieur de l'Afrique.

Au commencement de l'année 1889 le gouvernement portugais avait envoyé une expédition au Chiré, sous la direction de M. Serpa Pinto, afin d'étudier la région, les catacarres du fleuve et un important tracé de chemins de fer. Un jour qu'une partie de l'expédition, sous la direction de l'ingénieur M. Alvaro de Castelões, avançait pour étudier de nouvelles routes, les Portugais ont été attaqués par les indigènes *Makololos*, peuplades des rives du Chiré, toujours soumises aux autorités portugaises.

M. Alvaro de Castelões résista héroïquement à l'attaque, et demande des secours à M. Serpa Pinto. Celui-ci, étonné de ce qu'il venait d'apprendre, est allé porter aide à M. de Castelões. Il a fallu livrer bataille aux *Makololos* insurgés. Les indigènes devant les forces portugaises se sont soumis. Et alors M. Serpa Pinto trouve dans leur champ des drapés anglais; et il apprend que des missionnaires écossais et les autorités britanniques avaient conseillé aux indigènes de se révolter et de se déclarer sous le protectorat de l'Angleterre.

Le gouvernement portugais s'occupait en même temps du développement du district de Zumbo, que l'on voit déjà indiqué dans la carte portugaise du temps du marquis de São da Bandeira (1850). De son côté le gouvernement anglais, sans y avoir égard, organisait la compagnie africaine du Zambéze, sous la présidence du duc de Pife, et se préparait à disposer du Zumbo, ainsi que d'un territoire n'appartenant à aucun pays.

M. Barros Gomes suivait depuis trois ans, avec beaucoup de fermeté, un grand plan de colonisation dans l'Afrique orientale. Il cherchait même une entente avec la France et l'Allemagne. Le Portugal l'avait déjà cherché à la conférence de Berlin. Alors, lord Salisbury, devant cette politique coloniale de M. Barros Gomes, se montra très froid et très désagréable devant le cabinet de Lisbonne. Les notes diplomatiques vont leur train. Et l'affaire des *Makololos*, tout préparée par les missionnaires et M. Johnston, est le prétexte pour des notes plus pressantes. Lord Salisbury veut le rappel de toute l'expédition dans le Chiré, il veut que les Portugais reviennent jusqu'aux rives du Ruo, et il exige du gouvernement un blâme au major Serpa Pinto; sinon le ministre à Lisbonne se retirera suivi de tout le personnel de la légation de São Graciano Majestade, et les cuirassés anglais prendront Saint-Vincent, Quillimane, Lourenço Marques — ils bombarderont même Lisbonne!

M. Barros Gomes fait appel à l'article 12 du traité de Berlin; il demande l'arbitrage des pulsations signataires du traité... Rien... Ou dans les vingt-quatre heures ordre à l'expédition du Chiré de se retirer vers Ruo, ou Lourenço Marques pris, et Lisbonne bombardée... Voilà où nous sommes en droit international à la fin du xix^o siècle!...

M. Barros Gomes, caginant pour Saint-Vincent, Quintiliano et Lourenço-Marques, après avoir consulté le conseil d'État sous la présidence de S. M. Dom Carlos I^{er}, a cédé aux exigences et aux menaces de l'Angleterre. Avec lui est tombé tout le cabinet progressiste.

Une explosion de colère a alors déclaré dans tout le Portugal. D'abord, manifestations pacifiques dans les rues de Lisbonne et de Porto; puis des manifestations plus nobles, telle que la grande souscription nationale pour aider à la colonisation portugaise en Afrique et à la défense de ses possessions. Tout le commerce portugais a cessé ses relations avec l'Angleterre. L'importation d'articles anglais s'élève tous les ans dans le Portugal à environ 100 millions de francs. Les Portugais n'en veulent plus; ils se tournent du côté de la France.

Quant à cette fameuse baie de Delagoa (Lourenço-Marques) si convoitée par l'Angleterre, cela mérite une petite explication. Lourenço-Marques est le port naturel, la clé du Transvaal, si riche en mines d'or et d'argent. Les Anglais, maîtres de Lourenço-Marques, possession portugaise, étrangleront immédiatement la vaillante république des Boers, et le Transvaal deviendrait colonie anglaise...

En présence de pareils faits on comprend l'indignation du peuple portugais qui se refuse à reconnaître l'ordre du plus fort ou en appelle à toutes les traditions diplomatiques — voire même au traité de Berlin. — Y aura-t-il pour lui des juges à Berlin?

Esperons que le ministre préside par M. de Serpa Pimentel, le vénérable chef du parti régénérateur, ministre où l'on voit des hommes de grande valeur, tels que MM. Hintze Ribeiro, Lopo Vaz et João Arroyo, pourra monter à bœuf le conflit diplomatique entre les cabinets de Lisbonne et de Saint-James. M. de Serpa Pimentel, qui a été à la conférence de Berlin, connaît à fond les questions africaines; il faut espérer que ses collègues de la conférence lui donneront leur appui dans cette circonstance.

Quant à la question coloniale, nous verrons dans quelques années ce que l'Angleterre peut faire dans le Zambèze. Elle pourra bien trouver là-bas un autre Zoutouland !...

MARIANO PINA.

O tenor Gayarre

O celebre tenor espanhol era tão conhecido em Lisboa e no Rio de Janeiro, onde tinha tantos amigos e admiradores, que os nossos leitores hão de ver com grande curiosidade e tristeza não só o retrato d'este artista, que a morte arrebatou em pleno triunfo, mas também vários desenhos representando os seus funeráres, que se realizaram em Madrid, e que pareciam os funeráres d'um rei. Gayarre tinha 40 annos d'idade.

TSARINE PÓ DE ARROZ RUSSO
Adequado, Sustitutivo, Substituto
PREPARADA POR VIOLET
DR. HOMI JOSÉ PACHECO, PARIS

A REVISTA DAS REVISTAS

PROTESTO

DA

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA
DE
LISBOA

A todas as Academias, Sociedades, Institutos e
Instituições das suas relações

HA POCOS dias, apenas, teve a sociedade de geographia de Lisboa a honra de comunicar as sociedades congêneres a expressão sincera do seu voto relativamente ao conflito diplomático suscitado entre Portugal e a Inglaterra.

Por dever e honra de generosa solidariedade que aíllas nos liga nas mesmas aspirações e nas mesmas diligências humanitárias e civilizadoras, depõnhos perante essas nossas ilustres irmãs científicas, como nós empenhadas na santa causa da paz, de civilização e da exploração científica de África; a nossa esperança e o nosso desejo leal de que essa causa não fosse mais uma vez perturbada por pretensões e cubiqüas tão formalmente ofensivas da ação e da soberania legítima do nosso país, como evidentemente contrárias à Verdade, à Razão e ao Direito.

E a nossa manifestação era tanto mais oportunamente certo que tóis pretensões, para trair a justiça das povos, de longa data e tecnicamente procuraram falsamente a Geographia e a História, — e para favorecer o distorcer as más paixões e os cupidões interesses de aventureiros e de seita, tecem organizada uma conspiração de cupionha propaganda e de influências brutalmente egoistas destinada a mystificar a opinião e a intrigar os governos contra o honrado povo que foi o primeiro a abrir o continente negro à Civilização e à Ciência.

Perseguida e extinta a escravatura na costa portuguesa da África Occidental, os interesses que o tráfico inflame alimentava procuraram, e por largo tempo conseguiram obstar, sob a proteção da política inglesa, a que a nossa ação civilizadora e o nosso direito soberano lhes arrancasse o último reduto, por uma ocupação regular e definitiva dos nossos territórios do Zaire inferior.

Foi exactamente o apresamento, pela autoridade portuguesa, d'um navio negroiro na foz d'aquele rio que sugeriu a formal oposição do governo inglês, já então indignamente mystificado à nossa ocupação d'aqueles territórios!

Assim e agora, também, os interesses da licenciada e opressiva exploração dos indígenas, as pretensões de especulação e de monopólio comercial, o espírito fanático de seita, as absorventes ambigüez e ciúmes de predomínio e de expansão política, agitaram-se ferozmente contra o leal e persistente empenho de Portugal em organizar e firmar a ordem, a segurança, a transformação pacífica e civilizadora nos nossos territórios mais remotos da África Oriental: — no Zambéze, no Nhuassa (Nyassa), e na Mashona.

Alguns mercadores e missionários ingleses, estabelecidos sob a nossa proteção e favor, n'alguns pontos insignificantes e esparsos d'esses territórios, onde nenhuma transformação benfica tem operado, ensaiaram converter o facto d'esse precário e particular estabelecimento em ostensivo direito de protectorado e de domínio da nação de que se dizem subditos para evitar a polícia culta da soberania de que são hospedes, que lhes tem sido generosíssima protectora, e que era e é a única que pode exercer-se e se tem exercido efectiva e pacificamente n'aqueles regiões.

A diplomacia britânica acabou de adoptar estes pretensões abusivas, primeiramente procurando obter a nossa anuência, e concessão voluntária a troco da retirada das suas formações objecções à posse e à ocupação portuguesa dos territórios do Zaire, — o que evidentemente equivalia a reconhecer o nosso direito aos que lhe cederíamos e que agora nos disputa!

Malogrado, porém, pela oposição da Europa, em relação ao Zaire, o tratado em que esta operação se negocia, e passados poucos annos, apenas, depois da conferência de Berlin, a Inglaterra indímano, não só o desejo e o interesse que a levaram a negociar esse tratado, mas a formal pretensão d'um direito sobre os territórios cuja cedência nos permitiu e procurava obter a troco de largas compensações!

Além do malogro d'esse tratado pelo qual a política inglesa contava estabelecer-se nas margens do Nyassa, outros factos concorrem, naturalmente, para exacerbar e fazer recrudescer as pretensões e cubiqüas britânicas, tais como:

A concorrência incomoda que a Inglaterra teve de aceitar, de outras potências, ao norte, do lado do Zanzibar e de mar Vermelho;

O reconhecimento de que os nossos territórios entre o Zambéze e o Limpopo, particularmente a Mashona, abrangiam uma das zonas mais ricas, em minas de ouro, da África austral;

E, em suma, o vigoroso impulso que procuravam imprimir ao desenvolvimento dos povos e territórios do nosso vasto domínio africano.

Precisamente atingiu a maior intensidade essa exacerbação de cubiqüas, quando as nossas expedições científicas, comandadas por oficiais e engenheiros distintos, calorosamente acolhidas pelos indígenas, estudavam e preparavam assegurar melhor esses territórios, — pelo caminho de ferro, pelo telegrapho, por uma polícia civilizadora e cristã, — a mais larga e liberal exploração e proveito do comércio licito e da colonização europeia.

Explosão então o mercantilismo do monopólio, o fanatismo de seita, o insolente orgulho do predominio político, essa triste e opressiva triindade que pretende dominar a África inferior pelo surraque de sete pontas, de que não ha muito se falou largamente no parlamento inglês, a proposição das missões do Nyassa, ou pelas cadeias e pelos foguetes

de guerra, que ha pouco ainda tentavam introduzir pelas nossas alianças de Inhamuane ou de Quilimano o pseudo filantropo, ou pelas armas aperfeiçoadas entregues ao barbáro Lubengula para escravizar os povos da Mashona e lhes robar as minas de ouro com que havia de pagar-las aos ingleses que lhe forneceram essas armas.

Ao passo que alguns aventureiros e agentes britânicos agitavam contra as nossas expedições científicas um regalo embrulhado o usurpador, a política inglesa, — a política d'uma nobre nação europeia, — intimava-nos imporosamente, com um direito que não se fundamentava, aquellas pretensões e cubiqüas.

Esta é, a breves traços, a verdade da situação, larga e irrecusável evidenciada por todos os documentos dignos de fé que temos exhibido e continuaremos a oferecer ao critério imparcial de Mundo e da História.

Sinceramente, com uma justa deferencia para com uma nação culta e amiga, — no constante empenho de cooperar para que a paz e a civilização da África, não fossem perturbadas, — Portugal, certo do seu direito e confiado na dignidade e na justiça d'essa nação, prestou-se a discutir com o governo austral d'ella, as pretensões que elle infelizmente adoptara e a convencê-lo da absoluta inconsistência e som bassão d'essas pretensões.

Quer exhibindo perante o governo britânico os numerosos títulos do nosso direito e as leis positivas da nossa ação, — quer chamando, n'um sincero acordo, um terceiro Estado a considerar e julgar imparcialmente o extraordinário pleito, — quer aceitando a mediação e o exame d'uma conferência de todas as nações interessadas na paz e na civilização de África, — Portugal oferecerá à Inglaterra todos os meios justos, seguros, decorosos de liquidar com ella, leal e definitivamente, a questão.

Não dividiremos do nosso direito e não recebemos de justiça das nações e da consciência universal.

O incidente, a que já alludimos, — o assalto de uma nossa expedição científica, — em território que nunca nos fôra contestado pela própria Inglaterra, — por um horda de selvagens que ousavam arvorar a bandeira inglesa, e que se sabe já que haviam sido excitados àquelle acto por agentes ingleses, — suscitou ao governo britânico reclamações e exigências novas, sem que o movesse comutando a fundamente, por uma vez, os direitos que vaga e imporosamente allegava.

Essas reclamações e exigências facilmente se evidenciavam infundadas, absurdas, até, baseadas apenas em falsas e suspeitas informações.

Mas ainda Portugal se prestou a fazer suspender a sua ação e o trabalho das suas expedições científicas nos territórios contestados, exigindo apenas a natural reciprocidade de ser respeitado o *status quo* pelos agentes ingleses, para se entrar definitivamente na liquidação diplomática e pacífica da questão.

Sabe já a Europa, sabe já o mundo culto, qual foi o procedimento do governo britânico.

Agglomerando grandes forças navaes nas proximidades de alguns dos nossos portos europeus e africanos, ameaçando-nos pela sua imprensa mais politicamente auctorizada, entre os mais estúpidos e desprezíveis insultos, de praticar um acto de força expediadora sobre os nossos territórios, a Inglaterra interrompeu uma correspondência serena e amiga, violou as normas tradicionaes da cortesia e da lealdade internacional, e antepôz arrogantemente, provocadoramente, ao direito que não podia provar e que não tinha, a força material, a superioridade bruta dos seus engenhos e meios de guerra ofensiva, de opressão e de coacção violenta.

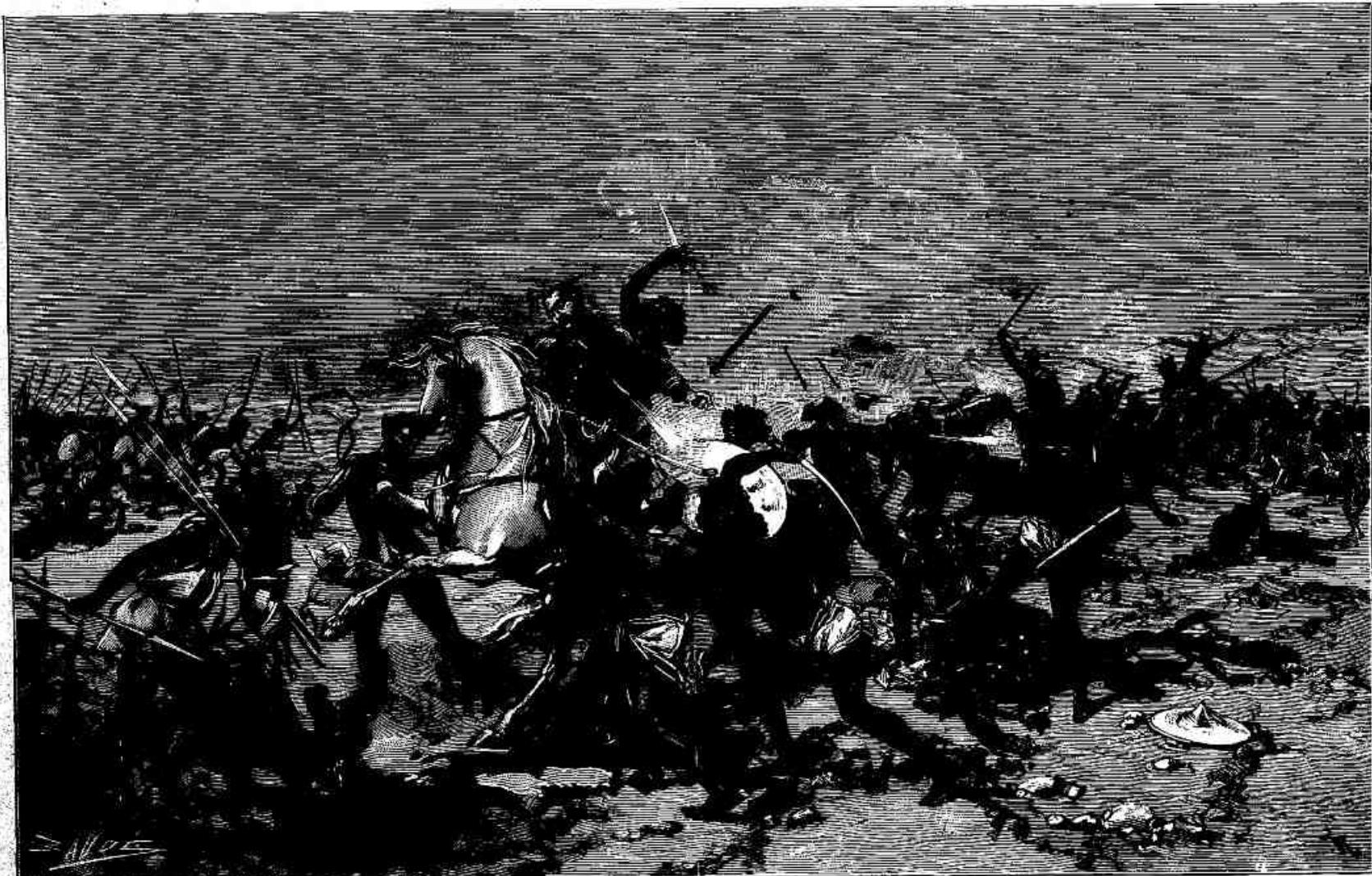
Exigiu do governo português que dentro de quatro horas, apenas, resolvesse e ordenasse a retirada das nossas forças e expedições científicas, dos territórios do Nyassa e da Mashona; em que além de representarem o nosso direito, representavam a ciencia, a civilização, a ordem, em face da selvageria excitada, do escravismo armado, da cubiqüa tributarista.

A não anuência e semelhante exigência, seria seguida d'um procedimento que evidentemente equivalia a um rompimento de hostilidades, mais propriamente a um assalto imediato, cobardo, traiçoeiro, de territórios, fortunas e vidas portuguesas.

E passava-se isto, o praticava isto a alguns dias de distância, de reabertura da conferência de Bruxelas, onde as nações de Europa, associadas n'um grande e generoso empenho de paz, de liberdade, e de civilização, estudam os meios de as garantir África



OS INGLEZES. — O QUE ELES CHAMAM CIVILISAR OS INDIOS!...



CS INGLEZES. = O QUE VARIAS VEZES DEVE SUCEDE PARA SEU CASTIGO!..

E' contra este facto insolito que affronta a nossa independencia secular e reconhecida por todas as nações, a nossa leal e constante cooperação nos progressos do direito moderno, os nossos sentimentos de homens, livres e civilizados, de estudiosos e trabalhadores honradus, — é contra este facto monstruoso pelo qual uma grande nação europeia, ao terminar o seculo XIX se mostra disposta a retomar o papo da velha pirataria argelina ou dos bucaneiros das Antilhas, — é contra esta conceção brutal e indigna: — que a direcção da sociedade de da geographia Lisboa, em nome d'esta, vem depor no seio das suas irmãs scientificas, o mais solene e formal protesto perante a solidariedade da civilização moderna.

Lisboa, 13 de Janeiro 1890.

FRANCISCO MARIA DA CUNHA,
Presidente.

ANTONIO DO NASCIMENTO PERINHA SAMPAIO,
Presidente do conselho central.

FERNANDEO AUGUSTO OEN, F. V. MACHADAS
GUERRERO, JOAQUIM JOSE MACHADO,
FERMÃO DE ALMEIDA PRADO,
Vice-Presidentes.

LUCIANO CORDILHO,
Secretario perpetuo. □

J. F. PALMIRO DA FONSECA FAIA,
Secretario annual.

EMERITO DE VASCONCELOS, DOMINGOS
TASIO DE FIGUEIREDO,
Secretario adjunto.

FRANCISCO DOS SANTOS,
Treasurero.

Rodrigo ALFONSIO PRADO, JOSE BENTO FERREIRA
de ALMADA, JOSE ESENTRIO DE MORAIS SANTOS, JOAO
PEANHO PATRONE JUNIOR, JOAO HENRIQUE
ULIANI, VOGAES.

Subscrição nacional

Alguns portugueses feridos pelo desastre que o nosso paiz acaba de sofrer, merced das prepotências inglesas, e do escádado de decadência da nossa marinha de guerra, tiveram idéa de fazer um appello unânime e supremo a todos os filhos de Portugal, e qual será formulado em detalhe por via d'um grande manifesto ao paiz, onde — exposta a exiguidade dos nossos meios de resistência por via marítima, e a imprevedível necessidade de os levantar à altura do que tanto ha mister o paiz, que embora pequeno, é ainda hoje a primeira potencia colonial africana — se supplicaria a todos os portugueses, longe ou perto elles estejam, e por grandes ou pequenos que sejam os seus baveres, collaborarem a uma grande subscrição nacional, abrangendo todos, desde o capitalista até ao mendigo, a qual tenha por fim adquirir ou facultar a defensão de toda a espécie de meios marítimos de defesa, que nos punham ao abrigo das prepotências dos piratas de mar, que d'outro diaiso não sabem além do que vomitam as gueiras dos canhões.

Levar-se-ha este manifesto ao interior das nossas províncias, cidades, campos e aldeias, pedindo a todas as camaras municipais lhe dêem curso pratico, a todos os parochos se sirvam lê-lo à missa conventual, a todos os proprietários e chefes de fa-

milia se dignem tomá-lo em conta, a todos os portugueses em si, emigrados, dispersos e ausentes pelo mundo, lhe não deixem de prestar auxílio — recolhendo donativos de todas as mãos generosas, em termos que num decurso breve, o paiz possa estar armado e prevenido contra todas as eventualidades de futura pirataria.

A comissão espera com fé ardentíssima, de todos os portugueses, mas de todos! que não deixem de auxiliar esta ideia patriótica de meia diaz de homens, que acima de tudo adoram o seu paiz, e fazem votos pelas suas prosperidades.

As camaras municipais, direcções de Bancos, redações de jornais, sedes de Companhias, presbyterios e grandes capitalistas ou casas de crédito, etc., que por sua situação possam oferecer aos subscriptores mais solidas garantias de confiança na execução prática da idéia aventada, constituirão outras tantas thesourarias, para a recepção dos donativos de cada qual.

Espera-se que todos os jornais da província auxiliem a idéia, dando publicidade a esta notícia, e publicando assim o manifesto que posteriormente lhe será enviado.

A idéia da grande subscrição nacional encontrou um apoio monstruoso em todo o nosso paiz. Desde o sr. duque de Palmela que cede em favor da subscrição um anno dos rendimentos da sua casa que são avaliados em cerca de 300 contos de réis, até ao mais humilde operário, — todos os portugueses sentem e comprehendem a necessidade de se reunirem todos as forças do paiz, fora da iniciativa do governo. O estado tem as suas receitas; que a patir também tem as suas, e que esses capitais estejam fora de toda e qualquer influencia política ou governativa, de qualquer influencia de ministérios ou de parlamento.

Por conseguinte a subscrição nacional servirá para a criação d'um Thesouro nacional, aproximadamente do mesmo gênero do Thesouro de guerra que existe na Alemanha.

A cerca da organização e do fim do Thesouro nacional encontram-se as seguintes considerações na Novidade de Lisboa, e que juntamos bem cabidas n'este lugar:

A Alemanha tem o seu Thesour de guerra; façamos nós, em modos pacíficos, o nosso Thesouro nacional. A Alemanha constitui esse tesouro com a maior parte da indemnização de guerra, que a França foi obrigada a pagar-lhe; constituimos nós o nosso com os produtos da subscrição pública de agora, com os donativos futuros, que a elle foram acrescentado, e com o abdicação d'uma verba anual votada pelas cortes. A Alemanha guarda esse tesouro em unha das torres da fortaleza de Spandau; o distriuto está ali em especies metálicas, immobiliadas, mas pronto a entrar em circulação, sem nenhuma suspeita a crises financeiras ou bancárias; ninguém lhe toca, semelhante verificar de tempos em tempos a exactidão das sommas arrecadadas. O nosso Thesouro nacional deveria ser também assim immobiliado, para estar certo e pronto, confiado à guarda do estado, mas sob a imediata vigilância d'uma comissão, em que entrassem representantes dos maiores subscriptores e das associações de fin patriótico mais directo. Ao cabo de alguns annos — e não pensemos que antes

d'issso possamos ter feito coisa que nos habilite a encarar com algum desafogo a hypothese d'um ajuto do comum com a nossa flotilha, podermos ter entesourada uma somma respeitável, que nos dê toda a liberdade de movimentos, e que n'esse momento talvez não pudessemos obter, porque os capitais fogem e desaparecem como o simples anúncio d'um conflito iminente.

Do not forget! Não esqueçamos. E, para isso, entesouremos. Não haverá um toddo perigo. Será o meia-ano da honra nacional. Isto é simples, e pratico. E, pŕtanto, é eminentemente prazitoso. Falta só dar forma e corpo à idéia, e que devem ser por um projecto de lei, crendo, nra condicões expositas, o tesouro nacional. Façam isso as cortes, já, antes do adiamento, que lhes tire a vida. Por muito pouco, que a câmara das sras. deputadas viva, deixará de si memória digna e honrada, se deixar isso feito!

O nosso director Mariano Pinto manda fazer uma tiragem de 1000 exemplares da chronica do presente numero da ILLUSTRAÇÃO, em folheto, vendendo-se cada exemplar ao preço de 100 réis.

O produto d'esta venda é destinado integralmente à subscrição nacional.

A PILIVORE

Livres finalmente da « influenza » o prazer e a alegria retomam os seus direitos e os bailes anunciam-se de todos os lados.

E' o momento de chamar a atenção das nossas leitoras para a PILIVORE preparação recentemente aperfeiçoada da perfumaria Dusser e d'um efeito verdadeiramente maravilhoso para embellezar os braços.

Um só applicação faz desaparecer apenugem, manchas, etc., e a pele adquire uma alvura e veludo incomparável; antes do baile um emprego da PILIVORE é indispensável às damas verdadeiramente elegantes.

1, rue Jean-Jacques-Rousseau, PARIS.

PARIS

PARIS □ 30, RUE MONTHOLON, 30

GRAND HOTEL DU BRÉSIL ET DU PORTUGAL

GRAND HOTEL DU BRÉSIL ET DU PORTUGAL
No centro de Paris, perto do Opera, das principais atrações da capital de festejos, dos teatro, e das mais famosas casas brasileiras e portuguesas. Este hotel é dirigido pelo proprietário e sua família. E' o mais concorrido e preferido pelos viajantes brasileiros e portugueses, em razão da modicidade de preços e das comodidades que oferece. □ LAPTEKA FAPESK.

CURAR em poucos dias as doenças d'estomago e as digestões difíceis, e perda de apetite, tal é o resultado que produz o Elixir Gres, toni-digestivo receitado por todas as celebridades medicas e empregado em todos os hospitais.

SUSPENSORIOS MILLERET, elasticos e sem passadeiras. Le Gonidec, 49, r. J.-J. Rousseau, Pa. is.

LIVRARIA C. REINWALD, RUE DES SAINTS-PÈRES, 15, PARIS

Acaba de sahir à luz

TRAITÉ D'ANATOMIE COMPARÉE PRATIQUE

Carl VOGT

Director

Emile YUNG

Preparador

do Laboratorio d'Anatomia comparada de Microscopia da Universidade de Génova

16.º fasciculo ou 5.º fasciculo do tomo II

Preço : 2 fr. 50

A obra completa formará 2 volumes grande 8; o segundo volume publica-se por fasciculos de 5 folhas cada um, com gravuras intercaladas no texto.

Preço de cada fasciculo.

2 fr. 50

O tomo I.º forma um forte volume grande in-8 de 900 páginas com 425 gravuras. Preço : cartonado tela inglesa 28 fr.

Posto a venda na 5.º feira 23 de Janeiro

MANUEL

D'ANATOMIE COMPARÉE

des

VERTÉBRES

Par R. WIEDERSHEIM.

Professor de Anatomia humana e comparada da Universidade de Friburgo em Brisau

Traduzido sobre a segunda edição alemã.

Por G. Moquin-Tandon.

Professor de Zoologia e de Anatomia comparada da Faculdade de ciencias de Toulouse

Un volume in-8, ornado com 300 fig. — Preço, brochura. 12 fr.

— cartonado tela inglesa. 13 fr. 50

